

## FORMAÇÃO CONTINUADA: Uma experiência para a vida

**Tyciana Vasconcelos Batalha; Ana Patricia Arouche Diniz; Maria do Socorro Estrela Paixão**

*Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: [alftyci@gmail.com](mailto:alftyci@gmail.com); Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: [ana.pdiniz@hotmail.com](mailto:ana.pdiniz@hotmail.com); Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: [msepaixao@hotmail.com](mailto:msepaixao@hotmail.com)*

**RESUMO:** Este artigo relata situações vivenciadas por docentes e estagiários (as) em formação inicial do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). A discussão aqui apresentada vincula-se a um componente curricular do curso o “Estágio em Formação de Formadores”, atividade supervisionada, no primeiro semestre de 2017, por duas professoras do Departamento de Educação I, no turno noturno. O Estágio em Formação de Formadores faz parte do currículo do curso de Pedagogia da UFMA. Tem como prioridade, fomentar a formação continuada de professoras (es) atuantes na rede pública Municipal e/ou Estadual de ensino do estado do Maranhão, bem como, proporcionar as (aos) alunos(as) do curso, a oportunidade de vivenciarem a função de formador (a) ao ministrarem formações, que põem em jogo conhecimentos produzidos em experiências anteriores. Neste artigo realizamos uma reflexão a respeito de um ateliê, o “Cantando e Alfabetizando”. Assim, a questão de partida para desenvolvermos a reflexão é: em que medida a música proporciona a aprendizagem de diferentes conteúdos, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil? Partimos do pressuposto que a música enquanto instrumento mediador de aprendizagem pode e deve ser explorada no cotidiano escolar por ser um meio que pode contribuir para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos (as) e para a ampliação do universo de conhecimentos. Na realização das análises dialogamos com Farias (2001), Osteto (2012), Paixão (2012;2015), entre outros. Concluímos que o referido estágio pressupõe, daqueles que o integram, um constante movimento de ação-reflexão-ação nos momentos que o constitui. Observamos também que a música quando apresentada como instrumento pedagógico na escola, incentiva a leitura e a escrita dos alunos (as), bem como, a socialização e senso crítico e criativo deles (as).

**PALAVRAS-CHAVE:** Música na escola, Estágio Supervisionado, Formação de Formadores.

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto relata situações vivenciadas por docentes e estagiários (as) em formação inicial do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). A discussão aqui apresentada vincula-se a um componente curricular do curso o “Estágio em Formação de Formadores”, atividade supervisionada, no primeiro semestre de 2017, por duas professoras do Departamento de Educação I, no turno noturno. Na explicação de Paixão (2012, p.08), “[...] esse estágio traz na proposta e nas ações a relação indissociável entre pesquisa, ensino e extensão, por considerá-los como elementos integradores e de sustentação para a formação do (a) pedagogo (a)”.

Como podemos constatar, o Estágio em Formação de Formadores faz parte do currículo do curso de Pedagogia da UFMA. Tem como prioridade, fomentar a formação continuada de professoras (es) atuantes na rede pública Municipal e/ou Estadual de ensino do estado do Maranhão, bem como, proporcionar as(aos) alunos(as) do curso, a oportunidade de vivenciarem a função de formador (a) ao ministrarem formações, que põem em jogo conhecimentos produzidos nas experiências anteriores. As formações são materializadas, neste estágio, por distintas modalidades organizativas: minicursos, palestras, roda de discussões, oficinas e ateliês, sendo esta última, a modalidade utilizada por nós, no semestre descrito.

Nesta experiência curricular, partimos do princípio que a formação continuada de professores é uma atividade teórico-prática baseada na reflexão, na análise e na síntese de situações que envolvem o processo ensino-aprendizagem, cujos protagonistas são estagiários (as) formadores (as) e docentes no exercício da profissão. É importante destacar que os saberes e fazeres mobilizados pelos estagiários (as) formadores (as), em situação formativa, contam com o apoio e a orientação de parceiros mais experientes, professores (as) da universidade que exercem a função de supervisor-técnico.

Concordamos com a visão de Chimentão (2009, p.3) que “a formação continuada [...] tem sido entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos”. Ideia oposta àquela de que a formação docente é realizada apenas pelo acúmulo de cursos, informações e técnicas. Aquela cuja defesa é que a formação se constitui pelo acúmulo de determinadas habilidades e competências, de modo a comprometer a reflexão sobre o trabalho educativo, sobre a identidade profissional e sobre a realidade em que

acontece o processo formativo. Aqui os professores (as) são destituídos da autonomia que lhes permitem refletir, criar, inovar e desenvolver o ato educativo.

Justificamos este componente curricular no curso de pedagogia da UFMA porque nas redes oficiais de ensino do Estado do Maranhão, conforme Nascimento (2016, p.1-2) - “[...] uma das competências do pedagogo (a) é a atuação como coordenador pedagógico na escola, e este tem como uma de suas atribuições, promover a formação continuada com o corpo docente”, objetivando a articulação de discussões no ambiente escolar para a ampliação do universo de conhecimentos e promoção do desenvolvimento profissional daqueles (as) que estão em exercício.

É oportuno destacar que os estágios supervisionados são importantes, pois concretizam aprendizagens, viabilizam o desenvolvimento de competências e habilidades por meio da orientação de professores experientes e que tomam como princípio didático fundamental, a relação prática-teoria-prática. Do mesmo modo, ressaltamos que o estágio proporciona ao futuro professor-formador uma visão da realidade que deverá enfrentar com maiores ou menores dificuldades a cada dia.

Quanto ao Estágio em Formação de Formadores, torna possível aos estagiários o desenvolvimento de competências formativas, pela articulação e mobilização de saberes teórico-práticos em contexto real, uma vez que se encontram diante situações formativas reais e de formandos (as) que trazem na sua identidade a experiência da docência. Nesse sentido, o presente artigo se constitui como o registro das experiências vivenciadas durante este estágio, entretanto, não é um registro de simples descrição, ele reflete o processo formativo sob um olhar mais atento e a partir do diálogo com a prática e produção dos conhecimentos em contexto real.

O estágio em questão contou, no seu desenvolvimento, com diferentes etapas. Dentre elas destacamos: estudo e discussão das referências previstas no programa e outras indicadas pelos estagiários, para atender a ementa; divisão de grupos de trabalho, definição do tema da formação “Múltiplas Linguagens no processo de Ensino-Aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, bem como, dos ateliês que cada dupla iria desenvolver; definição dos materiais de divulgação; realização de inscrições; organização do evento de abertura e respectivos elementos que a compõe; realização de ateliês; elaboração do relatório final.

Sobre a escrita do relatório, concordamos com Paixão (2015, p. 13), ao afirmar que “o relatório é um gênero discursivo que materializa e permite circular, na esfera universitária, observações, análises e compreensões realizadas por alunos, no período em que acontecem as

atividades de estágio”. É o momento onde podemos refletir e experimentar os nossos planejamentos e responder dúvidas, que vão surgindo ao longo do processo.

Neste ensaio não discutiremos as análises de todos os ateliês. Realizaremos uma reflexão a respeito do ateliê da nossa competência intitulado “Cantando e Alfabetizando”. Assim, a questão de partida para desenvolvermos a reflexão é: em que medida a música proporciona a aprendizagem de diferentes conteúdos, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil? Partimos do pressuposto que a música enquanto instrumento mediador de aprendizagem pode e deve ser explorada no cotidiano escolar, contribuindo para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos e para a ampliação do universo de conhecimentos. De igual modo, defendemos que é necessária a exploração de letras, além das conhecidas e ouvidas diariamente pelos alunos, na intenção de diversificar o seu repertório musical e de leituras.

Corroboramos o que explica Faria (2001, p.24) quando afirma que “a música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recreação”.

De posse dessa compreensão, afiançamos que os professores precisam sensibilizar as crianças para o mundo dos sons, para facilitar o contato delas com as diferentes sonoridades por meio da problematização das letras trabalhadas, estimulando assim, a função leitora, escritora e produtora dos alunos.

Isto porque, ao trabalhar com a música, didaticamente, além do modo prazeroso que proporciona no processo ensino-aprendizagem, ela viabiliza a exploração outros tipos de textos na sala de aula. Além disto, as músicas e as suas letras, apresentam temas atuais e oportunizam discuti-los na sala de aula e na escola de modo geral.

Partindo desse entendimento, realizamos uma discussão cujos eixos centrais são apresentados a seguir.

## **2 CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA**

A Formação Continuada é o ponto central do Estágio em Formação de Formadores. É central porque é por pensar nela de modo complexo, que os estagiários (as) formadores (as) são orientados a desenvolver uma prática fundamentada teoricamente, a vivenciarem situações que, de modo geral, provocam a expansão do seu universo de conhecimentos, porque tais situações

pressupõem a mobilização de diferentes saberes, consolidando, deste modo, experiências que os ajudam na construção da identidade profissional e, como tal, consigam responder aos desafios atuais inerentes à profissão, entendida aqui como um trabalho praticado habitualmente a serviço de outras pessoas, ou como prática contínua de um ofício (PAPI, 2005).

Compreendemos que a formação continuada enquanto mecanismo de desenvolvimento profissional, “permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino [...] com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem” (GÁRCIA, 1999, p. 26). De acordo com as reflexões em sala de aula aprendemos que devemos discutir as relações existentes na escola, para que a formação continuada possa fazer parte das vivências dos professores, responder as demandas do ensino.

Assim, inferimos que essa experiência propicia aos estagiários (as) a construção e apropriação de saberes e habilidades formativas. Igualmente, reconhece a escola e a universidade como lócus de formação, desenvolvendo um processo coletivo de estudo. Posto que “o exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer algo” (PIMENTA, LIMA, 2005/2006, p. 7).

Aqui é pertinente indagar: - Qual é o processo de construção da formação continuada, que pretendemos discutir? Esse processo que é uma construção coletiva, conta inicialmente, com o planejamento das ações a serem desenvolvidas. Sobre este aspecto, Padilha (2001, p.30) esclarece esta etapa da formação, ao afirmar que o planejamento é “o processo de busca de equilíbrio entre e meios e fins, entre recursos e objetivos visando ao melhor funcionamento de escolas, instituições, setores de trabalhos, organizações grupais e outras atividades humanas”. Nesse sentido, o planejamento de nossas ações perpassa, primeiramente, pelo conhecimento amplo das temáticas a serem trabalhadas, todas oriundas das necessidades dos docentes, como aquelas decorrentes dos diagnósticos realizados, pelos estagiários-formadores, nos estágios anteriores, anos Iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil. Esse levantamento é uma importante estratégia de envolvimento e participação dos sujeitos que se decidem em compor o grupo do processo formativo.

Após o diagnóstico das necessidades e possibilidades formativas, acontece a organização do plano de formação fundamentado em referenciais teórico-metodológicos, que nos apoiam nas discussões da temática. Em seguida, construímos sequências didáticas que são revisadas e orientadas por nossas supervisoras-técnicas. Além disto, expomos e exploramos as sequências no coletivo, para a realização de ajustes, troca de experiências, para colaborar com aqueles que se

encontram em dificuldades e dar unidade no desenvolvimento da temática, uma vez que ela é desdobrada por diferentes ateliês e desenvolvida por diferentes duplas. Nesta experiência, contamos com cinco ateliês e cinco duplas de estagiários-formadores para materializar a temática em questão.

Durante o desenvolvimento propriamente dito, a formação é realizada em duplas, seguindo as sequências didáticas previamente elaboradas e revisadas, em diferentes versões. Para situar os (as) formandos (as) sobre conteúdos e intencionalidades de cada encontro é apresentada a eles uma agenda, denominada de agenda do dia. Logo após cada encontro é feita a avaliação, pelos formandos, a respeito das estratégias formativas e conteúdos usados pelas duplas. Utilizamos como instrumento para tal fim, o Jornal Mural de Freinet, onde são expostas as opiniões, críticas e propostas dos avaliadores. Além disto, no processo, os estagiários-formadores são avaliados pelos supervisores-técnicos e pelos seus pares, para reforçar ações positivas e corrigir algumas distorções. Os formandos também são avaliados, posto que a cada encontro é proposta uma atividade que é realizada na escola, de acordo com cada ateliê, confirmando assim, se o que foi dialogado durante o processo de formação, foi compreendido e tem coerência com a realidade da sala de aula.

### **2.1 Cantando e Alfabetizando: um procedimento para a vida escolar**

Cantando e Alfabetizando é o título do nosso ateliê. Com ele objetivamos reconhecer a música como instrumento pedagógico interdisciplinar no processo de ensino aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e identificar letras de músicas que podem ser utilizadas como atividades didático-pedagógicas para trabalhar conteúdos de diferentes áreas nos anos iniciais, especialmente, no processo de alfabetização.

O interesse pelo tema surgiu a partir dos estudos em disciplinas curriculares que visavam o ensino-aprendizagem na educação infantil e no ciclo de alfabetização, nas quais encontramos formas de trabalhar as múltiplas linguagens com crianças por meio da música. Essa forma de trabalho é possível, pois a música faz parte do mundo da criança e contribui para a socialização e aprendizagem dela, desperta a criatividade, auxilia no desenvolvimento da comunicação.

Da mesma forma, esse ateliê traz como contribuição para os (as) professores (as) formandos (as), a possibilidade de uso da música como linguagem e instrumento capaz de promover o conhecimento da língua, de conteúdos da alfabetização, promover o debate sobre distintas temáticas e, de modo alegre e descontraído, dinamizar o ambiente da sala de aula.



Com base no exposto, partimos do seguinte problema: Em que medida a música proporciona aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Para responder essa questão e concretizar os objetivos apresentados anteriormente, desenvolvemos encaminhamentos didático-pedagógicos que visavam levar os participantes a tomada de atitudes reflexivas quanto à temática. Como já dito acima, os encaminhamentos propostos iniciam com a apresentação da agenda do dia. Nela continha, objetivos específicos a alcançar, a leitura do “diário da turma”, que é o registro diário das reflexões dos formandos sobre as atividades didáticas, espaço em que escrevem e descrevem as ações e impressões, por meio do diálogo com nossas práticas desenvolvidas, em cada encontro formativo.

Como forma de problematizar e levantar os conhecimentos dos (as) formandos (as) foram feitos os seguintes questionamentos: Vocês utilizam a música em sala? Por quê? Para que? Como utilizam? Qual a periodicidade que utilizam a música? Tem alguma música proibida na sala de aula? Registramos as respostas e, dentre elas, citamos:

- Sim utilizamos, todos os dias;
- Duas vezes na semana porque tranquiliza os alunos, porque diverte;
- Uso na hora o lanche, para o momento de relaxamento;
- Uso para trabalhar texto;
- Não existe música proibida na escola, porque a música vem do cotidiano da criança, do meio que ela está inserida, [...] sim alguns pais não gostam de fank.

Como podemos observar os (as) professores (as) já fazem uso da música na escola com frequência e intencionalidades distintas. Mostram que o caráter pedagógico deste instrumento já é reconhecido, por vivenciarem-na ora para mobilizar habilidades emocionais, ora para desenvolver habilidades sociais e cognitivas, sem desconsiderar o contexto dos (as) alunos (as) e seus familiares.

Partindo dessas respostas, realizamos intervenções, continuamos as atividades apresentando a importância da música, com destaque para o auxílio que oferece, ou seja, para o desenvolvimento psíquico e emocional de crianças e jovens. De acordo com a lei nº 11.769, sancionada no dia 18 de agosto de 2008, torna-se obrigatório o ensino de música nas escolas de Educação Básica. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), há uma abertura para o uso da música como recurso didático ao indicar que precisa ser aberto espaço para que os alunos possam se expressar, se comunicar, bem como promover experiências de apreciação e abordagem em seus vários contextos culturais e históricos.

Segundo Moreira (2014, p. 47) como forma de abordagem “da música na sala de aula, pode ocorrer de forma tradicional, com um professor de música [...], pode também ser aplicado por outros professores [...], com o uso de equipamentos como rádios, aparelhos de som e letras com

interpretação”. Em outras palavras, a música pode estar presente na sala de aula como instrumento interdisciplinar, de forma “informal” utilizada por uma pedagoga ou como uma disciplina, ministrada por um professor (a) com formação em música.

Nas reflexões realizadas junto com os formandos, observamos que trabalhar com a música, no contexto escolar, ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e refletida. Não significa que a música se torne o único recurso de ensino, mas um que pode facilitá-lo, pois o aluno convive com ela desde muito pequeno. E mais, ela se caracteriza como uma atividade divertida que ajuda na construção do caráter, da consciência e da inteligência emocional do indivíduo, pois desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, proporciona um estado agradável de bem-estar, facilita a concentração e o desenvolvimento do raciocínio, sendo também um agente cultural que contribui efetivamente na construção da identidade do cidadão. Pode até mesmo transformar conceitos espontâneos em conceitos científicos.

Sendo assim, compartilhamos em nosso ateliê o pensamento de que, todo novo conhecimento deve partir do que o aluno já sabe. Trazer algo novo é necessário, no entanto, deve ser valorizado aquilo que o aluno já traz em sua bagagem sócio-cultural. O uso da música em sala de aula, não é diferente. É pertinente iniciar o trabalho didático com os estilos e letras que o aluno já conhece, deixando de lado os preconceitos, quanto aos ritmos e formas de expressões que cada aluno carrega consigo.

Entendemos que a música, está presente no cotidiano da criança, que antes de ter contato com o tipo de música que levamos, ela já conhece outros ritmos, letras, melodias e isto não deve ser ignorado quando nos propomos a trabalhar com a música em sala de aula. Partindo desse princípio, refletimos justamente com os(as) formandos(as) de que é necessário valorizar os conhecimentos prévios dos alunos e suas vivências fora da sala de aula.

Para tematizar a questão refletida acima, mostramos exemplos de projetos desenvolvidos em sala de aula no projeto “Entrelinhas: Alfabetização Dialógica” do qual fazemos parte. Nesse projeto utilizamos a música, de forma interdisciplinar, para trabalhar conteúdos escolares, no ciclo de alfabetização. Nas orientações de Figueiredo (2004, p. 60), “aproximar música e pedagogia pode representar uma alternativa para que a educação seja compreendida, solicitada e aplicada sistematicamente”.

Finalizamos nosso ateliê realizando atividades práticas a partir da leitura e escuta da música “Minha alma” do Rappa, que é uma música que induz pensar sobre valores, modo de vida na sociedade. Os formandos demonstram nos trabalhos socializados no final do ateliê, que

compartilham a ideia de que é possível e necessária a realização de atividades didático-pedagógicas que envolvam a música de forma interdisciplinar, sem desvalorizar os conhecimentos que os alunos possuem. Ao contrário, essa postura estimula a produção de novos conhecimentos, de forma autônoma, criativa e prazerosa. Essa defesa traz como intenção, à formação integral de sujeitos, por isso, críticos e capazes de intervirem na realidade em que vivem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo de todo processo de estágio em Formação de Formadores, vivenciamos inúmeros momentos e, cada um destes por sua vez, representou um extenso e valioso processo de aprendizagem. A temática abordada, não é um assunto novo, mas ainda causa certa curiosidade quanto às teorias envolvidas e a sua praticidade em sala de aula. O nosso ponto de partida foi em que medida a música proporciona a aprendizagem de diferentes conteúdos, nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Respondemos reafirmando o nosso pressuposto que a música enquanto instrumento mediador de aprendizagem pode e deve ser explorada no cotidiano escolar, contribuindo para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos e para a ampliação do universo de conhecimentos. A afirmação fundamenta-se na comprovação que a música é um instrumento que pode e deve ser trabalhado em sala de aula, pois está presente no cotidiano de todos, favorecendo assim a socialização e a criatividade dos alunos.

Além deste aspecto, reconhecemos a música como instrumento pedagógico interdisciplinar que auxilia o processo de ensino aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental por viabilizar o desenvolvimento de conteúdos de diferentes áreas de conhecimentos, especialmente, no processo de alfabetização, sem a exclusão da realidade social e cultural dos (as) alunos, de seus conhecimentos e vivências.

Mediante o exposto, concluímos que trabalhar com a música na sala de aula dos anos iniciais envolvendo as diferentes áreas de conhecimentos, objetivando o desenvolvimento da prática leitora e escritora, bem como, a reflexão sobre a língua e sobre a realidade em que ela está inserida, é uma atividade divertida, prazerosa, facilitadora da concentração, do desenvolvimento do raciocínio, da criatividade e da postura crítica. Contudo, constatamos que é uma prática que carece ser ampliada mais, no universo escolar e, portanto, ser difundida por diferentes meios e pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- CHIMENTÃO, L. K. **O significado da formação docente continuada 4º congresso Norte Paranaense da educação Física escolar**. Disponível em <<http://revistaacademiaonline.com/products/a-formacao-continuada-dos-profissionais-docentes/>> Acesso em: 23 de jul. 2017
- FARIA, Márcia Nunes. **A música, fator importante na aprendizagem**. Assis Chateaubriand – Pr, 2001. 40f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Técnico-Educacional superior do Oeste Paranaense – CETSOP/GAEDRHS.
- MOREIRA, A.C.; SANTOS, H.; COELHO, I. S. A MÚSICA NA SALA DE AULA – A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO. UNISANTA Humanitas - p. 41-61; Vol. 3 nº 1, (2014). Disponível em < [periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/download/273/274](http://periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/download/273/274) > Acesso em 23 de jul. 2017.
- MOREIRA, M. A. **Aprendizagem Significativa Crítica**. Porto Alegre, RS, Brasik, 2000
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- PAIXÃO, Maria do Socorro Estrela. **Prática do estágio em formação continuada e a sua relação com os saberes docentes**. XVI ENDIPE. Campinas, 2012
- \_\_\_\_\_. **Trajetórias construídas em caminhos (não) planejados : os sentidos formativos da escrita no Estágio Supervisionado Obrigatório do Curso de Pedagogia da UFMA**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Educação, Natal, 2015.
- PAPI, S. O. G. **Professores: formação e profissionalização**. Araraquara: Junqueira e Marin, 2005.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poísis, Volume 3 e 4, 2005/2006. Disponível em:<[file:///C:/Users/USER/Documents/UFMA/EST%2081GIO/EST%C3%81GIO%20EI\\_2015.2/est%C3%A1gio%20pesquisa.pdf](file:///C:/Users/USER/Documents/UFMA/EST%2081GIO/EST%C3%81GIO%20EI_2015.2/est%C3%A1gio%20pesquisa.pdf)> Acesso em 10 de julho de 2017.
- SMITH, F. **Compreendendo a leitura**. 3. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. Trabalho apresentado em mesa-redonda no IX Endipe - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Águas de Lindóia, SP, 1998.
- NASCIMENTO, V.A.; NASCIMENTO, J. C. P.; PAIXÃO, M. S. E. **FORMAÇÃO INICIAL E OS SABERES MOBILIZADOS NO ESTADO DE FORMAÇÃO DE FORMADORES**. Anais FIPED, V. 1, 2016, ISSN 2316-1086.